



A FILOSOFIA DA RELAÇÃO DE ÉDOUARD GLISSANT: UMA BREVE INTRODUÇÃO

LUIS CARLOS FERREIRA DOS SANTOS¹

RESUMO: O texto navega pela paisagem filosófica do filopoeta martinicano Édouard Glissant, no objetivo de apresentar uma breve introdução ao seu pensamento. Para isso, parto da compreensão dos arquipélagos textuais do autor, buscando compreender como a filosofia da relação pode ser um campo de disputa e compreensão da cidadania e enfrentamento da violência racial e, por fim, examina o papel da literatura no seu projeto filosófico.

PALAVRAS-CHAVE: Édouard Glissant. Filosofia da Relação. Arquipélago. Filosofia Afrodiaspórica.

ABSTRACT: The text navigates through the philosophical landscape of the Martinican philosopher Édouard Glissant, in order to present a brief introduction of his thought. To do so, it starts from the understanding of the author's textual archipelagos, seeking to understand how the philosophy of relation can be a field of dispute and understanding of citizenship and confrontation of racial violence and, finally, examines the role of literature in his philosophical project.

KEYWORDS: Édouard Glissant. Philosophy of Relation. Archipelago. Afrodiasporic Philosophy.

A confiscação do tempo e das palavras nos convoca a sonhar, transformar e pensar o mundo no eco do pensamento de Édouard Glissant. O imaginário de produção de morte, marcado pela ausência da conversa, da convivência e da compreensão, legitima práticas de subjugação do outro e fortalece o corte e a ruptura da partilha comum da humanidade. O tempo do horror e do terror se impõem no exercício da imaginação política da desumanização e tiranização da vida daqueles que devem morrer e os que devem viver.

A imaginação política da produção de morte aniquila a diferença e retroalimenta o imaginário da “poética do genocídio”², esta é fonte transparente da relação pautada pela

¹ É professor substituto do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É graduado em Filosofia e doutor em difusão do conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sócio fundador e pesquisador do grupo de pesquisa Rede Africanidades -UFBA. Filiado à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). E-mail: lcsantos@uefs.br.

² A poética do genocídio tem sua compreensão, na tese O poder de matar e a recusa em morrer: fiopoética afrodiaspórica, desde os aportes teóricos de Achille Mbembe e Édouard Glissant. O trabalho chegou ao entendimento de que a necropolítica opera no imaginário. Ele mobiliza os desejos, é uma fruição da memória. É a

odiosidade. A poética do genocídio é um imaginário que segue como política de retirada da “partilha do sensível”, como diria Jacques Rancière (2009). Nessa perspectiva, não há uma comum unidade, ela é a ausência da relação, portanto, não existe espaço, nesse tempo, para uma “Poética da Relação”. (GLISSANT, 2009)

Partindo da provocação do filopoeta³ Édouard Glissant, acreditamos que o desenvolvimento do nosso tema, nos tempos atuais, representa uma urgência e um grito de libertação. Escolhemos dialogar com as referências de Glissant desejando que um dia, de repente, o mundo conecte-se com o barulhamento e a trepidação do seu pensamento.

Para entender a Filosofia da Relação de Glissant apresentaremos uma breve biografia do autor, suas alianças políticas e filosóficas, seguida de uma breve apresentação da paisagem glissantiana no Brasil, para alcançar os conceitos de arquipélago e relação.

Édouard Glissant⁴

Édouard Glissant nasceu em 21 de setembro de 1928, na Martinica, situada nas Antilhas francesas – Caribe e faleceu em fevereiro de 2011. Aos 18 anos, em 1946, o governo francês concedeu-lhe uma bolsa de estudos para cursar a universidade na França, onde residiu até 1965. Em Paris, licenciou-se em Filosofia e defendeu o doutorado em Letras, na Universidade de Sorbonne.

O jovem estudante, durante sua permanência na França, integrou ativamente o grupo de estudantes africanos e antilhanos residentes em Paris, entre os quais se encontrava também o martinicano Frantz Fanon. O filósofo e poeta foi também colaborador da Revista *Présence Africaine*, membro do grupo semiótico que se reunia em torno de Roland Barthes e entre 1982 e 1988 foi Diretor do Correio da Unesco. A partir de 1965 dividiu sua permanência entre o seu

força dos espaços vazios que movimentam a poética do genocídio. A necropolítica é uma poética que atua no imaginário, por isso faz-se necessário penetrar na guerra dos imaginários. O poder de matar traduzido pela poética do genocídio, a qual é materializada pela unidade, o modelo único e o universal abstrato sem contexto, é muito forte na produção da aniquilação da diferença. A construção do imaginário da poética do genocídio é uma das fontes que caracteriza a soberania da pré e da pós-modernidade. É a necropolítica como imaginário que segue como política de retirada da “partilha do sensível”, não existe comum unidade. A divisão entre grupos que devem morrer e os que devem viver tem como construção o poder do imaginário. A trapaça da unidade e da homogeneidade, elogiada como universal, fundamenta e legitima os imaginários da poética do genocídio.

³ A discussão da filopoética parte do diálogo da perspectiva levantada por Manuel Norvat, em *Le Chant du Divers*. Introduction à la philopoétique d'Édouard Glissant. A tese “O poder de matar e recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação” parte do diálogo com Norvat e busca relacionar a filosofia africana com a poética da relação, no intuito de disputar o imaginário, de traçar itinerários, rotas na reconexão com o todo-mundo.

⁴ A trajetória de Édouard Glissant está referenciada nessa seção pelos trabalhos de Aliocha Wald Lasowski, nos respectivos livros: *Édouard Glissant, penseur des archipels* (2015) e *Édouard Glissant. Déchiffrer le monde* (2021).

país natal, a Martinica – onde fundou o Instituto Martinicano de Estudos – e a França e os Estados Unidos. Em Paris, em 2006, fundou o “Institut du Tout-Monde”.

Édouard Glissant participou ativamente dos desafios políticos e sociais do seu tempo. Aliocha Wald Lasowski (2015), ao escrever a biografia de Édouard Glissant, cria várias imagens para falar do autor, mas uma delas é muito marcante: Édouard Glissant “é um tornado em forma de poeta” (LASOWSKI, 2015).

A imagem que Lasowski (2015) oferece de Glissant é marcante para o entendimento de sua trajetória. O filósofo e poeta do arquipélago foi linguista, semiótico, romancista, dramaturgo, ensaísta, teórico literário, historiador, etnólogo, cientista político, ativista, sociólogo, crítico de arte e pensador da estética.

O “tornado em forma de poeta” tem nos seus emaranhados de fios e nas teias narrativas a política de imaginação de lutas de libertação, como a revolução do Haiti. O entendimento das alianças com essas insurgências, traduzidas pelo movimento social organizado, são fios de lutas políticas presentes no seu pensamento. Além disso, é um autor que está em viagem com as culturas, as paisagens dos povos silenciados, combatidos e esquecidos pela geopolítica do Um.

Alianças políticas e filosóficas

Glissant estabeleceu pontes e relações com muitas escolas e autores. Ele dialogou com movimentos, tais como: Pan-africanismo, Renascimento Negro, Movimento da Negritude, autores como Jacques Derrida, Gaston Bachelard, Jacques Rancière, Martin Heidegger, Michel Foucault, Heráclito, Hegel, Friedrich Nietzsche, Edgar Morin, Jacques Lacan, Lévi-Strauss, Derek Walcott, Patrick Chamoiseau, nos caminhos do rizoma com Félix Guattari e Gilles Deleuze, em viagem literária com Saint-John Perse, Victor Segalen e William Faulkner.

Édouard Glissant é um pensador que esteve nas trilhas de Aimé Césaire, Leopold Sédar Senghor e Léon Damas, em luta ao lado de Frantz Fanon, Kateb Yacine, Yves Bonnefoy. Suas obras seguem os horizontes dos sonhos de libertação lançados por Nelson Mandela, Gandhi e Martin Luther King. (LASOWSKI, 2021). Importante trazer aspectos que marcam a trajetória de Glissant, as suas alianças com os movimentos políticos e filosóficos.

As obras de Édouard Glissant podem ser categorizadas como: poesia, romance, ensaios (poéticos, políticos e filosóficos) e textos teatrais. A poética possui ênfase em todos os seus

“arquipélagos textuais”⁵. Ao ler Glissant, sente-se o ritmo da sua escrita como se fosse embalada por meio do jazz, hip hop, samba, tal ritmo mobiliza as teias narrativas dos seus textos

O estilo de Glissant tem, na força da palavra, a possibilidade criativa de abertura para a diversidade do imaginário e da criação e manutenção da vida. Navegando na intenção diversa do imaginário, a sua filosofia inscreve-se em uma densidade complexa da linguagem, pois ele caminha pelo estilo do ensaio, do drama e do romance. Portanto, ele busca, nesta relação de estilos, aventurar-se na força da palavra, engajar-se na abertura poética do Diverso.

Breve paisagem Glissantiana no Brasil

A lacuna do conjunto da obra de Glissant no Brasil demonstra a tímida presença do seu pensamento em nosso território, o que se poderia chamar de epistemicídio e de combate a intelectuais negros e negras. O que se justificaria a lacuna de sua obra no Brasil? Entre os seus romances, apenas *o Quarto século* teve uma tradução no Brasil, este foi traduzido pela editora Guanabara, em 1986, com tradução de Cleone Augusto Rodrigues.

Quando se fala da obra de Édouard Glissant no Brasil é imprescindível trazer o trabalho da professora Enilce do Carmo Albergaria Rocha, do programa de pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A tradução de *Introdução a uma poética da diversidade*, publicado em 2005 pela editora da Universidade Federal de Juiz de Fora é fruto do esforço do trabalho da professora Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Assim como *O Pensamento do tremor* traduzido pela referida professora com Lucy Magalhães em 2014, pela mesma editora, com prefácio de Lilian Pestre de Almeida.

No ano de 2021, a editora Bazar do Tempo traduziu *Poética da Relação* com a tradução de Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira, com a revisão técnica de Ciro Oiticica e o prefácio da professora Ana Kiffer e Edmilson de Almeida Pereira.

Esse breve levantamento mostra a timidez dos trabalhos em torno de Glissant, embora tenhamos teses, dissertações circulando com muita qualidade em torno do pensamento do autor no Brasil. Não se pode deixar de mencionar o trabalho da professora Diva Barbaro Damato, “Édouard Glissant: Poética e Política”, de 1995, livro que foi editado pela ANNABLUME, e teve o prefácio do próprio Édouard Glissant. Um outro livro mais recente, de 2021, publicado pela editora dialética, da autora Janaina de Azevedo Bispo, “Com a palavra, a memória. Le Lézarde de Édouard Glissant’.

⁵ A expressão foi retirada do livro *Le Chant du Divers* Introduction à la philopoétique d’Édouard Glissant, de Manuel Norvat (2015). O autor retira a expressão Arquipélago Textual de Jean-Louis Joubert (2005), no livro *Édouard Glissant*

O grito poético dos arquipélagos

Diante do terror e do horror da poética do genocídio provocando o incêndio do mundo, a Filosofia da Relação e o grito poético do pensador dos arquipélagos mobiliza para transformação do mundo através da imaginação. O seu leitor percorre o exílio, a errância, fica fora de lugar, porque explode a “Geopolítica do Um”, a “mesmidade”, a “transparência” e reivindica a “opacidade” do “Todo-o-Mundo”. O pensamento de Glissant é uma filosofia da viagem, pois percorre o mundo e acessa o espírito de múltiplos barcos à deriva do “Todo-o-Mundo”, enraizando-se em Relação, na poética do desvio e do refúgio, da barca aberta, seja das formas de escravidão moderna e na sua persistência na contemporaneidade.

O pensamento de Glissant é uma convocação ao grito pelos oprimidos. E no conjunto de sua obra, ele convoca para criar e habitar “uma nova região do mundo”. A ausência de beleza desse tempo convoca a produzir o que falta no mundo: imaginação e utopia emancipatória⁶.

Pode-se inferir que a *Filosofia da Relação* tem como uma de suas finalidades o combate contra as formas de escravidão moldada pelo Ocidente. Glissant sinaliza, no “Discurso Antilhano”, que o Ocidente não é um lugar apenas, ele é um projeto. E se impõe como um imaginário produzindo desde a transparência à surdez do Diverso.

O desafio filosófico e poético do pensamento do martinicano estão em chamas, vivos, sua brasa nos atravessa e nos interpela atualmente. É imprescindível refletir sobre os discursos de ódio, os quais ganham a cena e reverberam para todas as dimensões do humano, se localizarmos o Brasil de hoje, por exemplo. A odiosidade como imaginação política fundamenta a impossibilidade de caminharmos humanamente juntos. O “Brasil de hoje” traduz de maneira transparente o “Brasil de sempre”, pois este território é uma paisagem que historicamente comprova a tese de que nunca vivemos juntos: escravidão, desigualdade social, patriarcado. Portanto, a mentalidade do racismo, da escravidão, traduzida pela política de ódio e o ódio como política, fundamenta a sociedade brasileira, esta cria as relações e potencializa os desligamentos sociais, neste aspecto os laços e as relações são potencializadoras e forjadas na odiosidade⁷.

O ódio como afeto coletivo se torna o terreno do imaginário social. A imaginação política mobiliza-se neste horizonte coletivo da destruição daqueles que não estão na transparência do discurso legitimado pela “Geopolítica do Um”. Para isso, o terreno de disputa

⁶ O conceito de “imaginação emancipatória” tem como referência o livro: “A imaginação emancipatória. Desafios do século 21”, de Ashis Nandy (2015). Já o conceito de “utopia emancipatória” tem como referência o texto: *Utopies Émancipatrices*. In: Achille Mbembe et Felwine Sarr. *Écrire l’Afrique-Monde*. Les Ateliers de la pensée, de Françoise Vergès (2017).

⁷ A obra de Ana Kiffer e Gabriel Giorgi, *Ódios políticos e política do ódio: lutas, gestos e escritas do presente* (2019), é fundamental para o entendimento do fenômeno do ódio como um dos dos afetos mobilizadores da política.

ocorre por meio da imaginação, da percepção, estas são acionadas e moldadas pela sensibilidade embrutecida pelo racismo, patriarcado e pela cultura de morte. A imaginação pautada no ódio é forjada e educada pela mentalidade do racismo e potencializada pelo imaginário escravagista. Neste sentido, uma política do ódio apenas reverbera a desertificação da vida e o desligamento coletivo.

Os desafios do pensamento do filósofo dos arquipélagos nos conectam a pensar hoje numerosas crises que afrontam a população do mundo. Os perigos das epidemias, a pandemia da covid 19, por exemplo, que trará consequências políticas e sociais para as vidas dos mais vulneráveis da sociedade, a crise ambiental, a escalada dos nacionalismos reverberada pela “globalização perversa”⁸ que fomenta a produção e amplificação das desigualdades sociais. Os conflitos econômicos como ecos de antigas e novas violências. O exílio forçado e migração política. Consequentemente, à luz dessas paisagens podemos inferir que o planeta é forjado na economia da dor e a sua vulnerabilidade destrói a ideia de coletividade necessária para sua permanência.

Estas questões nos interpelam e a urgência do mundo nos lança na obra de Édouard Glissant. A ideia do mundo em relação é o coração de sua obra. Glissant é um pensador do arquipélago e, por isso, do “Todo-o-Mundo”⁹. A violência do presente, o imaginário da escravidão contemporânea, e o choque do passado (monocolonialismo) movimentaram as produções deste intelectual. A *Filosofia da Relação* é a resposta oferecida por Glissant como caminho de superação e crítica à dominação monocolonialista, fundamentada no racismo com o intuito de desenraizamento daqueles retirados do “Todo-o-Mundo”. Neste aspecto, o pensamento relação pode ser considerado anticolonial e contramoderno¹⁰.

⁸ SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 13ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2006.

⁹ De acordo com Édouard Glissant o “Todo-o-mundo” é a possibilidade da abertura do mundo para a multiplicidade. Ele é o inextricável do uno, é este emaranhado de partes que configura o uno. Neste aspecto, a Relação é o que possibilita o “Todo-o-Mundo”. Esse é a totalidade realizada dos dados conhecidos e desconhecidos do universo. A totalidade-mundo é constituída dos arquipélagos, que, por sua vez, é formado por paisagens, que são como categorias do sendo. O Todo-o-Mundo é o lugar de uma realidade em processo, em devir. Há um processamento das contrações de espaços e as precipitações de tempo e, por isso, os resultados são inesperados. Na discussão acerca do inesperado, Glissant encontra o diálogo com a filosofia, a arte e a literatura. Ele dialoga com Gilles Deleuze sobre essa relação, pois não há mais urgência em delimitar estruturas quando nos é dado explorar processos. O “Todo-o-Mundo” é “essa abertura, de lugar em lugar, todos igualmente legitimados, e cada um deles em vida e conexão com todos os outros, e nenhum deles redutível ao que quer que seja, é o que informa o Todo-o-Mundo” (GLISSANT, 2014, p. 136).

¹⁰ Na tese O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação, defendida em 2019, compreende o pensamento de Édouard Glissant como anticolonial e contramoderno.

A obra de Glissant envolve tanto uma estética quanto uma política e mobiliza tanto uma filosofia quanto uma poesia. Aparece no seu trabalho conceitos, tais como: arquipélago¹¹, Caos-mundo¹², opacidade¹³, antilhanidade¹⁴, criouliização¹⁵, mundialidade¹⁶, Relação¹⁷.

Filosofia da relação

O Pensamento da relação inspira as ideias contemporâneas. Glissant instiga a pensar uma política da Relação. Como entender o caráter político da Relação? A relação marca uma ruptura com o discurso unívoco das identidades clássicas e desarma sua história autoritária de uma gênese fundada sobre a origem única. A identidade neste aspecto não é mais pensada como raiz, mas em relação. Ao invés de definir as diversas modalidades de ser, como essência,

¹¹ O arquipélago atua como as partes para o “Todo-o-Mundo”. É a possibilidade da abertura do mundo para a multiplicidade. O conceito de arquipélago entendido aqui enquanto elaboração de Glissant, defende uma perspectiva na contramão do continente. O continente é entendido como síntese imposta, todavia, o arquipélago cria sentidos desde a paisagem, é o lugar da diferença. O continente instaura a fixidez do barco negreiro, em que a barca aberta produz o sentido. Porém, o arquipélago é a construção da recusa em morrer instaurado pelo poder de matar do continente. O arquipélago é a abertura para diferença enquanto o continente caracteriza-se pela leitura da transparência. Em diálogo com Glissant, texto literário é produtor de arquipélagos, pois o escritor, ao entrar nas suas escritas acumuladas, renuncia a um absoluto, a sua intenção poética, todo ele feito de evidência e de sublimidade. O arquipélago busca escapar da compreensão redutora da multiplicidade e do uno. O arquipélago acolhe a complexidade

¹² O Caos-mundo é onde prevalece a imprevisibilidade, a deriva, os processos.

¹³ A opacidade tem o intuito de não dissimular as diferenças. Ela mobiliza o diverso, a produção de um outro. A opacidade atua contra a transparência redutora, protegendo o diverso. A opacidade é contra moderna. A transparência fundamenta a violência por meio da leitura universalizante do Um no paradigma da modernidade europeia. A opacidade acolhe a complexidade.

¹⁴ Identidade de quem é antilhano. No trabalho de Glissant, é um conceito trabalhado no livro *Discurso Antilhano*, precede o conceito de criouliização no seu pensamento.

¹⁵ A criouliização, de acordo com Glissant (2014), é um princípio geral de emergência da vida social na maioria da região sul das Américas e isso até em regiões como o México, em que, por exemplo, o povoamento africano foi bem menos constante. A criouliização não é uma simples mecânica de mestiçagem, pois produz o inesperado. “As línguas crioulas francófonas são inesperadas, assim como as músicas multilíngues do arquipélago, as religiões sincréticas crioulófonas do Haiti ou lusófonas do Brasil, e como será o jazz anglófono no sul dos Estados Unidos” (GLISSANT, 2014, p. 88).

¹⁶ A mundialidade é um universal diverso. Ela difere da mundialização, pois a mundialidade não pode ser confundida com generalização, mas com uma multiplicidade de detalhes.

¹⁷ A Relação é o que possibilita o “Todo-o-Mundo”, a partilha deste oferecida por Glissant como caminho de superação e crítica à dominação monocolonialista. Neste aspecto, o pensamento Relação pode ser considerado anticolonial e contramoderno. O debate ontológico é respondido por Glissant a partir da relacionalidade, desde o conceito de Relação. A poética e filosofia da Relação estabelece a discussão acerca da identidade no pensamento de Glissant. A identidade deixa de ser mera permanência, mas é variável. O pensamento de identidade enquanto raiz única (pensamento continental e da transparência), forjada no mistério sagrado da raiz, busca o refúgio generalizante do universal enquanto valor. A identidade compreendida enquanto sistema de relação (pensamento arquipélago e continente, transparência e da opacidade), como “dar-se com”, entende-se como, inversamente, uma forma de violência que contesta o universal generalizante e que tanto mais requer a severa exigência das especificidades. A identidade-raiz fundamenta o pensamento de si e do território. A outra possibilidade é a identidade-Relação, ela está ligada a uma vivência contraditória e consciente dos contatos entre culturas. A identidade constitui-se na trama caótica da relação e se afasta da violência oculta da filiação e da lógica da legitimidade. Não concebe a terra como um território, de onde se projete para outros territórios, mas um lugar onde a lógica é o “dar com” em vez de apenas “compreenderem-se”. A identidade-relação exulta no pensamento da errância e do enraizamento.

substância ou permanência, a filosofia parte da relação por ser identificada como atividade, como vir-a-ser. Um outro aspecto relevante a ser dito é que a relação não repousa mais sobre a posse dos territórios, ela relança o reencontro dos lugares de maneira a estabelecer pontos relacionais entre cidades do “Todo-o-mundo”. É uma mudança no modo de habitar e ser habitado pelo mundo, é uma relação com as coisas, não o domínio acerca dela. É uma mudança de atitude, por isso uma transformação das sensibilidades.

Glissant (2011) escreve a partir do tremor do mundo. Trata-se de um pensamento de tremor, por ser uma escrita conectada com a memória coletiva, o eco e o barulhamento dos sonhos de libertação daqueles silenciados da generalização universalizante do mundo. O pensamento alarga-se no mundo e uma das verificações se dá pela busca das memórias esquecidas e aniquiladas dos povos, que representam as poéticas diversificadas. Deste modo, povoa o imaginário pelo diverso.

O Imaginário é uma das categorias importantes das construções desse pensamento. Porque se faz como um saber em construção e as transformações sociais e políticas não serão feitas somente a partir de decretos e leis, é necessária a disputa do imaginário, por meio da reinvenção da cultura, do fortalecimento do inconsciente coletivo, onde sonhamos o mundo coletivamente produzindo imaginações emancipatórias. O Imaginário muda pelas batalhas de mundos, pela fertilização da imaginação: sonhar, fecundar e transformar o mundo. Esta é a grande contribuição do pensamento glissantiano, sonhar e transformar o mundo, mas para isso fecunda o tempo e o espaço de imaginação.

Glissant defende a Relação no intuito de escapar do pensamento fixo e totalitário, sem movimento, e problematiza a origem única. A *Filosofia da Relação* não persiste na literalidade do nascimento. O que existe é uma errância enraizada, enraizamento. Nas filosofias do Uno, o outro é assimilado ou aniquilado. Existe, no mito do pensamento do Uno¹⁸, uma violência oculta, que se fortalece nas malhas da filiação¹⁹ e, com isso, recusa o Outro como elemento de relação. A perspectiva colonialista moderna aniquila o Diverso, este é um dos fundamentos do racismo. A violência da legitimidade enraizadora e conquistadora tem como consequência a produção do Outro pela chave do Eu.

A relação entre o Uno e o Diverso no pensamento glissantiano é a perspectiva de uma defesa de sua filosofia pós-metafísica. O “universal” em Glissant tem como ponto de partida a multiplicidade, não se pensa o universal a partir de categorias transcendentais, mas transversais.

¹⁸ A crítica glissantiana aos pensadores do Uno se referem a Platão, às luzes platônica, e a Hegel, na sua fenomenologia.

¹⁹ Diálogo com Gilles Deleuze e Félix Guattari, na contraposição ao conceito de Aliança.

Um dos grandes encontros de Glissant é a generalização universalizante, de acordo com o filopoeta, o imaginário representa a fuga dessa generalização.

A saída para esta generalização transcendental é o Diverso, que tem como marca a multiplicidade de paisagens e nascimento de outros imaginários, este não ajuda a prevenir a miséria, “mas o imaginário modifica as mentalidades, por muito lentamente que o faça” (GLISSANT, 2011, p. 173). O imaginário mobilizado pela *Filosofia da Relação* é a possibilidade de escapar às generalizações, pois para Glissant não é a raiz que importa, mas sim o movimento. Não é o horizonte do Uno o qual determina o sentido, mas o Diverso. Isso significa a dimensão de relacionalidade transversal. O diverso provoca para a necessidade da Relação, todavia o Uno convoca o Ser. Portanto, o imaginário combate os universais transcendentais para escapar das violências territoriais, raciais e simbólicas. Por isso, se faz necessário operar através de outras categorias de percepção do mundo.

A crítica às intolerâncias territoriais configura-se como outra característica da *Filosofia da Relação*. Nesse itinerário filosófico busca conhecer a totalidade do mundo, mas sabe que não conseguirá, e, nessa ausência, mora a beleza ameaçada do mundo. A filosofia do Diverso não tem como sentido a ideia universal (generalizante) e transparente do mundo. A compreensão de transparente se desdobra no mesmo aspecto da percepção do transcendental.

O imaginário foi reduzido à transparência do imperialismo moderno ocidental europeu. A modernidade europeia ao mesmo tempo em que fortalece em sua paisagem cultural do conceito de humanismo, conhecimento, “desenvolvimento” e “progresso”, não escuta e nem vê nas outras culturas a possibilidade de se relacionar com estes na dimensão do humanismo, de reconhecer seus conhecimentos e perceber em seus territórios a possibilidade de “desenvolvimento” e “progresso”, por isso, a Relação defendida por Glissant nessa leitura é contra moderna.

A modernidade ocidental aniquilou a diversidade cultural e aniquilou a relação com o Outro na perspectiva do imaginário colonizado, que se dá pelo semicídio cultural (SODRÉ, 1988) e pelo epistemicídio (CARNEIRO, 2005; RAMOSE, 2011). O contato com o Outro da modernidade ocidental foi da colonialidade da vida, da aniquilação da natureza, dos corpos, da retirada da humanidade daqueles racializados.

A modernidade ocidental europeia, neste aspecto, não produziu Relações entre culturas, o que houve foi uma ocidentalização do continente africano e latino americano. A qual teve como característica uma potência de destruição e desumanização, com consequências até os dias atuais (SARR, 2016). O ocidente moderno traz como características históricas a ausência

de diálogo, a mudez do outro como condição do estabelecimento da relação do poder. A escuta é retirada da modernidade ocidental, por isso, a modernidade resiste em se contactar com o imaginário diverso. Todavia, a poética da Relação, nesse sentido, é uma paisagem “contramoderna”, ela recusa em morrer e, para isso, fabrica sonho de libertação.

Pensador dos arquipélagos

A estética, a política e a ética, em Glissant, estão na direção da ruptura da identidade raiz, a qual congela e violenta o Diverso. A aventura do pensamento do autor consiste em dizer a beleza que falta ao mundo, nomear a violência da história, provocar ao mundo uma utopia e dialogar com “Todo-o-Mundo” na disputa por imaginário a partir do arquipélago.

O arquipélago evidencia um dos pontos importantes da sua construção poética, filosófica e do seu engajamento político: o espaço. A ilha da Martinica, pertence ao arquipélago das Antilhas, o qual está situado no hemisfério Norte, entre a América do Norte e a América do Sul. As ilhas da Martinica são banhadas a Leste pelo Oceano Atlântico e a Oeste pelo mar do Caribe. O arquipélago diferencia-se do conceito de continente e de ilha.

Os arquipélagos são definidos por Glissant como postos de vigia, a junção de tais arquipélagos permite a visão do “Todo-o-mundo”, sendo esse a totalidade realizada dos dados conhecidos e desconhecidos do universo.

A discussão do pensamento arquipélago tem sua contraposição estabelecida pelo pensamento continente, que possui apenas uma paisagem como imagem. Glissant defende que o pensamento continental reverbera uma multiplicidade do Uno e o pensamento arquipélago junta as variedades infinitas do Diverso. O autor dos arquipélagos persiste na defesa de um “pensamento-arquipelágico”, o qual se configura no horizonte de confluências de culturas e alianças.

O arquipélago não tem a perspectiva de sínteses impostas como continente, isto é, não está isolado, não é uma ilha, mas um conjunto de ilhas. O pensamento do arquipélago é engajado na diversidade originária, na crítica à genealogia e na multiplicidade comum. Glissant deslocou a perspectiva conceitual da ontologia da identidade. A ontologia relacional é a política no pensamento glissantiano. E o arquipélago é fundamental para esse entendimento, uma vez que ele não é apenas o espaço, pois primeiro é imaginário. A filosofia do arquipélago é um dos corações do seu pensamento.

O espaço da Martinica, assim como o brasileiro, é constituído de territórios. Nesse sentido, a produção filosófica, desde o arquipélago, consiste em disputar filosoficamente a ideia

de povo. O povo inventado é sempre um devir povo. Essa invenção é o que falta ao “Todo-o-Mundo”. O arquipélago é uma das possibilidades de instauração da Relação, por ser um espaço constituído de narrativas, histórias e culturas.

O pensamento do arquipélago no horizonte do Diverso, da mundialidade, é uma categoria muito presente no pensamento de Glissant. Na discussão do filopoeta relacionam-se a ciência e o sonho, a ficção e a utopia, o imaginário e o real. Portanto, está é uma das características de um pensamento de libertação.

A filosofia da relação acolhe o paradoxo, não busca uma síntese. Os elementos diversos são colocados em relação. A relação é a quantidade infinita de todas as particularidades em questão. A relação pode ser entendida como uma forma de universal. Mas um universal que não busca a monotonia do mundo, que seria a mundialização, caracterizado como antiverso. É um universal diverso, a mundialidade, uma pluriversalidade. No entanto, o combate à mundialização, relação transcendental, não se dá pela troca da palavra mundialidade, relação transversal, mas pela fecundação da imaginação.

A imaginação é o lugar da ação, da criatividade, onde o sonhar é uma potência de força criativa de outros espaços e assim supera a política de morte. Frantz Fanon (2005) afirma que: “Durante a colonização, o colonizado não para de libertar-se entre as nove horas da noite e as seis da manhã” (FANON, 2005, p. 69). Ele defende que os sonhos daqueles que estão condenados da terra são: “[...] sonhos de ação. Sonhos agressivos. Sonho que estou saltando, nadando, correndo, escalando. Sonho que estou rindo, atravessando o rio com um passo, que sou perseguido por bandos de carros que nunca me alcança” (FANON, 2005, p. 69). O sonho é vida, é a tradução do inconsciente coletivo. Como nos sinaliza Dénètem Touam Bona, na *Cosmopoética do refúgio*: “É primeiro pelos sonhos que percebemos que só podemos viver em relação com outras inteligências terrestres” (BONA, 2020, p. 13). No sonho mora umas das possibilidades de potência para o pluriverso e abertura do mundo.

Pode-se inferir que Édouard Glissant provoca para reinventar a utopia, pois nesse tempo é urgente não abrir mão de sonhar e pensar na transformação do mundo. O imaginário colonizado, a memória escravagista atualiza-se a todo momento, sendo uma máquina de moer sonhos, corpos e vidas. Nessa tentativa de destruir o que o outro é, de aniquilar algumas presenças do mundo, que vem a recusa em morrer, a reinvenção da utopia em arquipélagos que relacionam opacidades na busca de seduzir e encantar a transparência, o claro. Por tudo isso, é imprescindível o diálogo com a literatura do autor.

Literatura

O romance, *O Quarto Século*, traduz de maneira brilhante a força filosófica da obra de Glissant. Neste livro é possível encontrar o engajamento originado das opacidades da escrita engajada pela memória.

No quarto século narra-se o encontro de papai Longoué com Mathieu Béluse. Mathieu um historiador, arquivista e militante. Papai Longoué é o responsável pela narrativa, Mathieu Béluse tem o papel da escuta na estrutura da obra. Os dois personagens representam ancestralidades que vieram do continente africano, no navio negreiro *Rose-Marie*. A família Longoué recusou a escravidão desde o primeiro momento em que embarcou na nova terra. A família Béluse negociou sua presença em terra antilhana, foram escravizados. Eles ficaram na planície, enquanto os Longoués foram para a montanha.

O livro traz uma linguagem de fogo, de contraviolência e insubmissão. Através dessa narrativa em espiral vai relacionando em teias os rizomas do tempo, no encontro do velho com o jovem, respectivamente de papai Longoué com Mathieu Béluse. À luz dos personagens e da memória do velho quilombola problematiza a tragédia da relação constituída pela violência da escravidão acionando uma poética da paisagem para escrever e pintar o invisível na “floresta de signos” (PEREIRA, 2010) constituída no romance como crítica antropológica da cultura.

O quarto século é o espaço do herdeiro do saber dos Longoués e filho dos Béluses. É a relação entre o mistério e o conhecimento. Este é o lugar dos sindicalistas e dos intelectuais. Inicia-se na cidade o quarto século de luta por liberdade. A cidade é a morada da deriva, do paradoxo, da solidariedade e da solidão.

Um outro aspecto importante da narrativa são os elementos da natureza, podendo ser interpretados como personagens e paisagens. Seus elementos aparecem na obra em destaque: o vento, o fogo, a terra, a floresta, o rio, o mar e a árvore marcam as narrativas do *Quarto Século*. São os imaginários guerreiros. A tradução da memória coletiva.

O elemento da natureza reconecta-se ao continente ao arquipélago. Sendo o lugar dos agenciamentos de imaginários guerreiros que resistem ao esquecimento, morte colonial e recusam morrer. Papai Longoué representa a memória. Ele (re)conecta-se ao continente africano e às histórias dos seus antepassados em terras antilhanas. No entanto, Béluse persiste a imagem de quem está atrás de saber essas histórias. O velho e o jovem em uma deriva de volta ao passado e com a preocupação de perpetuação no futuro. Enquanto o menino estava preocupado em restituir o passado, o velho queria que esta memória fosse atualizada pelos passos do jovem. Mas, para isso, o jovem intelectual busca convencer o velho feiticeiro a lhe

contar as histórias. O velho estava preocupado em não morrer com o conhecimento. (SANTOS, 2019).

Papai Longoué via no jovem a possibilidade de recusa em morrer, Mathieu Béluse seria o ato político e um ato poético do futuro, “a nova região do mundo”. O passado dos seus ancestrais tinha de permanecer atualizado na deriva de Mathieu Béluse.

O velho quilombola é a representação daquele que procura fazer com que os seres humanos tenham a capacidade de se comunicarem com os seus próprios sonhos. O sonho é o signo que possibilita a relação com a própria força produtiva.

A construção estética de Glissant, no livro em destaque, traz a dimensão da estética da paisagem e a vertigem da narração. Glissant utiliza como recurso algumas estratégias narrativas, tais como estabelecer o diálogo entre autor e personagem, a utilização dos nomes reais e fictícios, a história real e história fictícia na técnica narrativa, tendo o espaço simbólico na reconstrução da “visão profética do passado”. Um passado coletivo, o qual oferece a Mathieu Béluse uma dimensão coletiva de imersão no passado para ação futura.

Glissant reconstrói no *quarto século* o imaginário através da poética da “oralitura da memória”, termo da professora Leda Maria Martins. A possibilidade de reconstrução do passado por papai Longoué não seria possível através do pensamento de sistema, que busca produzir um modo de interpretação totalitária e transparente. A memória, ou melhor, a rememoração, na disputa de imaginários e, na busca de reconstrução do tempo, pelo quilombola e feiticeiro, é o que se contrapõe ao pensamento redutor. O sonho, a conversação, o delírio, isto é, a filopoética é uma das possibilidades de recusa em morrer para os descendentes dos africanos deportados, como se percebe na construção do personagem de papai Longoué (o detentor da memória).

Papai Longoué via no jovem a possibilidade de recusa em ser morto, de continuar na permanência do Mathieu Béluse, este seria o ato político e um ato poético. A permanência da memória é a recusa em morrer. “E vocês, vocês são felizes, homens sem memória! Eis que vocês serão defuntos sem o saber...!” (GLISSANT, 1986, p. 50).

A reconstrução do passado é o modo de superar a morte. Manter o passado presente nas gerações futuras é o modo de transcender. O que Glissant faz no *Quarto Século* é manter viva a memória.

Uma memória construída a partir de um imaginário fragmentado reconectado pelos traços que estão na deriva. O personagem de papai Longoué, ao reinventar a história, disputa o imaginário. As imagens produzidas residem no espaço dos sonhos, dos delírios. O pensamento

político de Glissant mobiliza exatamente a produção do impensável e do impossível: a morada da utopia.

O aspecto da narrativa de Glissant caracteriza uma biografia da coletividade e participativa. A narrativa do *O quarto século* tem como característica a poética do diverso, o qual tem como fonte a proposição do conceito de “digênese”, essa é a negação do pensamento de raiz única. A digênese é a gênese pelo desvio, só sendo possível a reconstrução de um passado pelo vestígio, é o retorno ao outro/diverso e não mais ao mesmo.

No livro *O quarto século*, Glissant reconstrói a memória do espaço e tempo a partir do personagem Papai Longoué. O velho quilombola narra a história das duas famílias, entretanto, a opacidade é a representação da sua memória. O recurso utilizado pelo autor é a “visão profética do passado” para acessar o fundo da floresta, metáfora da memória esquecida pelo discurso dito “oficial”. A opacidade, a partir da paisagem da “visão profética do passado”, intui a experiência vivida de toda comunidade, mas singularizando os indivíduos.

Conclusão

O eco do pensamento do autor dos arquipélagos provoca a imaginação para encontrar outras bússolas na travessia do imaginário colonizado que se atualiza nas políticas neoliberais, forjando abismos contra o ser sendo negro nas terras africanas e afrodiaspóricas.

A paisagem construída por Glissant traduz a experiência da política de escravização cometida contra os corpos racializados e imaginários mutilados. A crítica e a superação ao imaginário colonizado, não se darão apenas produzindo conceito ou mudando os conteúdos. Criar conceitos é necessário e urgente, todavia, além de criar conceitos, há de fecundá-los com a imaginação. Dessa maneira, não se pensa apenas o mundo, mas se sonha e se escreve o mesmo, vive-se, experimenta o mundo e sente suas fragilidades. Glissant como um intelectual das rupturas, faz uma inversão com as imagens que as palavras produzem. Os conceitos têm como anterioridade suas imagens. A disputa pela imagem é uma imersão na recusa em ser morto, na imaginação emancipatória.

Nessa passagem é possível observar a denúncia da política de violência sofrida e a narrativa de recusa em morrer ao reimaginar o mundo por meio das alianças e as teias das metamorfoses da memória, na busca de construção de outras regiões do mundo.

Por fim, a linguagem poética do romance *O Quarto Século* denuncia os abismos, a violência da escravidão e produz uma contrapaisagem ao imaginário colonizado. Deste modo,

propicia por meio da imaginação (relaciona a política com a ética) outra região do mundo, construindo uma imagem anticolonial e contramoderna.

Portanto, a saída glissantiana se dá pela estética, essa seria “a nova região do mundo”²⁰. A filosofia para Glissant é uma poética, “a linguagem da filosofia é a primeira do poema” (GLISSANT, 2009, p. 87). Glissant (2009) não pergunta “Que é Isto – A Filosofia?”²¹, mas “O que é isto, uma filosofia?” A questão colocada nos lança para um problema de dimensão ontológica. Enquanto, na pergunta: “Que é Isto - A filosofia?”, o Deus compreende a ontologia. Na pergunta: “O que é isto, uma filosofia?”, o Diverso é o fundador do ser.

O pensamento monocolonial fundamentou a violência racial e a perpetuação dela na contemporaneidade, a partir da morte do Diverso. Nos bairros de latas e nos guetos das pequenas cidades, funciona a violência da miséria e da lama, mas existe, também, a raiva inconsciente e desesperada de não se “compreender” o caos do mundo. Está em potência e em ato “a recusa em morrer na crítica e superação do poder de matar” (SANTOS, 2019). Os dominadores, mais uma vez, tiram o partido do caos, enquanto os oprimidos desesperam-se com ele (GLISSANT, 2011).

O enfrentamento às violências, ao racismo, neste aspecto, se dá desde uma resposta ontológica e estética. As perspectivas conceituais apresentadas por Édouard Glissant são uma chave interpretativa de muita importância para problematizar a sedução, a fundamentação do racismo e a perpetuação do desligamento da humanidade pautada pelo discurso de ódio. A violência racista teve a sua construção fundamentada pelo antipensamento, o qual tem as verdades absolutas presas à totalidade da mesmidade. Nesse aspecto, diante do genocídio, do ecocídio, do epistemocídio, ora fundamentado pelo racismo científico, pelo obscurantismo, Glissant aponta uma imagem instigante: “Nada é verdadeiro, tudo é vivo”. A vida é esse permanente movimento de criação e grito poético de libertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONA, Dénètem Touan. *Cosmopoétics do Refúgio*. Desterro: Cultura e Barbárie, 2020

²⁰ Alusão ao livro de Édouard Glissant *Une nouvelle région du monde. Esthétique I*. Paris: Éditions Gallimard, 2006.

²¹ Neste momento Édouard Glissant está em diálogo com o filósofo alemão Martin Heidegger.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GLISSANT, Édouard. *El discurso Antillano*. La Havana, Cuba: Fondo Editorial casa de las Américas, 2010.

_____. *O Quarto Século*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A, 1986

_____. *O pensamento do tremor*. La cohée du Lamentin. Juiz de Fora: Gallimard/Editora UFJF, 2014.

_____. *Poética da Relação*. Portugal: Porto Editora, 2011.

_____. *Philosophie de la Relation: poésie en étendue*. Paris: Éditions Gallimard, 2009.

_____. *Une nouvelle région du monde*. Esthétique I. Paris: Éditions Gallimard, 2006.

LASOWSKI, Aliocha Wadl. *Édouard Glissant, penseur des archipels*. POCKET, Un département d'Univers poche, 2015.

_____. *Édouard Glissant*. Déchiffrer le monde. Paris: Bayard, 2021.

KIFFER, A., GIORGI, G. *Ódio político e políticas do ódio: lutas gestos e escritas do presente*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória*. O Reinado do Rosário no Jatobá. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

NANDY, Ashis. *A imaginação emancipatória*. Desafios do século 21. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

NORVAT, Manuel. *Le Chant du Divers*. Introduction à la philopoétique d'Édouard Glissant. Paris: L'Harmattan, 2015.

PEREIRA, Edimilson de A. (org). *Um tigre na floresta de signos* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

RAMOSE, Mogobe B. *Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana*. Rio de Janeiro: Estudos Filosóficos- Revista de Filosofia, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do Sensível*. Estéticas e política. São Paulo: EXO experimental org.: Editora 34, 2009.

SANTOS, L. C. F. dos. *O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiáspórica como arquipélago de libertação*: 2019. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 13ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2006.

SARR, Felwine. *Afrotopia*. Paris: Éditions Philippe Rey, 2016.

SODRÉ, Muniz. *A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1988.

VERGÈS, Françoise. *Utopies Émancipatrices*. In: Achille Mbembe et Felwine Sarr. *Écrire l'Afrique-Monde*. Les Ateliers de la pensée. Paris: Phillippe Rey. Dakar: Jimsaan, 2017.